# AS ATIVIDADES EXTRACLASSES NO ENSINO MÉDIO E A FORMAÇÃO DE LÍDERES

*(Palestra proferida na Rádio Ministério da Educação — CADES)*

RIVA BAUZER

George Counts, professor de sociologia da Universidade de Colúmbia, visitando o Brasil em setembro de 1957 proferiu as seguintes palavras de advertência ao concluir uma palestra sôbre educação contemporânea na sede da Associação Brasileira de Educação: "Chegamos à era atômica com espíritos formados, em grande parte, nos tempos pré-industriais. Necessário é salientar o fato de que a civilização tecnológica, que tão de repente irrompeu sôbre a humanidade e continua espraiando-se pelo mundo, encontra-se ainda em seus primeiros estágios. Nossas idéias funcionais, nossas concepções morais e nossa organização social estão sèriamente em atraso com relação aos nossos modos de vida, formas de comunicação, uso de energia mecânica e conhecimento científico."

Ninguém pode pôr em dúvida que êste atraso é, provàvelmente, responsável por muitos conflitos e atribulações de nossa época. Fortes tensões dilaceradoras abatem-se sôbre o homem, influindo poderosamente sôbre os vários grupos culturais que compõem o mundo. É inegável que uma grande distância separa, atualmente, muitas das realizações desta era industrial tecnológica de nossos costumes, entendimentos, concepções e até mesmo de leis que fabricamos, aceitamos e respeitamos.

A tarefa de conseguir articular nossos obsoletos espíritos com os fatos do mundo nôvo que nos cerca é a obra gigantesca e urgente que pedimos à educação. Na realidade, nossa paz e serenidade (intra e inter-individual) dependem do sucesso de tal empreendimento.

Dentro dessa vasta tarefa atualizadora e integradora da educação surge um capítulo que pouca atenção tem merecido entre nós — a formação de líderes.

Desnecessário seria dizer que não existe o tal retrato ou "imagem" do líder, pois que liderança não é estereótipo. Inúmeras e variadas são as potencialidades pessoais que emergem como qualificações de liderança, quando devidamente estimuladas para a ação no campo das interrelações humanas. Isto significa dizer também que as potencialidades de liderança são muito mais comuns do que supomos. Cabe ao educador a

responsabilidade de descobrir essas possibilidades e capacidades, despertando nos educandos o desejo de utilizá-las, criando oportunidades para a manifestação e utilização ativa das mesmas. Aqui surgem, como propiciadoras de ricas e variadas oportunidades de realização, as atividades extraclasse. Por isso essas atividades vêm merecendo dos modernos educadores papel de destaque no cenário da formação integral e ajustada da personalidade do educando, por constituírem uma forma intermediária, fecunda, entre a vida real e os estudos puramente acadêmicos do currículo escolar, tantas vêzes desatualizados. Ademais envolvem significativas possibilidades educacionais, pelo que encerram de experiência viva nos campos da socialização, do desenvolvimento harmonioso, da estimulação para iniciativas de tôda sorte, da autêntica formação do senso de responsabilidade cívica, enfim da preparação do verdadeiro sócio-cooperador. Propiciam aos alunos variadas oportunidades de realização pessoal, habituando-os a inventar, planejar, programar e executar novas formas de atividades, contribuindo decisivamente para o desenvolvimento do espírito criador, para a formação de hábitos de observação cuidadosa, criando ainda atitudes sadias, estimulando o aparecimento de ideais construtivos, enriquecendo, enfim, a experiência vital de quantos participam das atividades, abrindo novos horizontes de compreensão intelectual e de ação social.

Poucos são ainda os livros de educação que discutem as conseqüências de não dispormos, em geral, de um educador especializado para cada educando. A classe tradicional de trinta, quarenta ou mais alunos é ainda a solução mais freqüente entre nós. O professor exige de seus alunos que concentrem tôda a atenção de que são capazes sôbre a sua pessoa de líder educacional, quando muitas vêzes nada tem de importante para oferecer a essa atenção. Em compensação, na melhor das hipóteses, o professor dedica a cada um de seus alunos, individualmente, apenas uma pequena fração do tempo que despende com a classe. Esta concepção parece colidir francamente com os fatos reais que presidem à organização social *de fato* da classe. Grupo que é, dêle participam como membros, os sócios, alunos e professôres. Ora, qualquer grupo de pessoas apresenta padrões de interação. Tôda pessoa exerce influência sôbre outras e algumas pessoas, em geral descritas como líderes, influenciam de forma mais acentuada o comportamento daqueles com quem convivem. Assim, por exemplo, todo professor sabe que a classe, como grupo que é, não foge (nem pode fugir) às características citadas. Em geral a classe compreende vários subgrupos, cliques etc. Não raro o aluno que maior influência exerce sôbre o grupo nem sempre é o que mais se destaca nos estudos e freqüentemente não é tampouco aquêle que o professor escolheria para monitor, só para citar algumas das dificuldades que o professor, líder educacional, encontra no trato diário com o grupo social denominado *classe escolar*. No capítulo específico da educação para a formação de líderes, outros problemas sociais da maior importância confrontam o educador cônscio de suas responsabilidades. A saber:

— identificar os indivíduos mais bem dotados, encorajando o desenvolvimento de suas possibilidades latentes no sentido do efetivo exercício da liderança;

— encorajar e fortalecer atitudes de cooperação e trabalho articulado em equipe, tendo em vista objetivos comuns, desestimulando, ao mesmo tempo a liderança do tipo simplesmente autoritário;

— orientar as capacidades de liderança identificadas dentro do grupo tendo em vista o melhor desenvolvimento educacional do indivíduo e do grupo, ambos considerados como unidades funcionais.

Ao apreciarmos êsses objetivos formulados em têrmos de ação (embora amplos e genéricos), descobrimos que êles nada mais são do que a moldura que acentua e dá relêvo a um objetivo mais amplo e imediato: — a formação do cidadão dotado de responsabilidade cívica. Aliado à preocupação com a formação do verdadeiro sócio — cooperador, o objetivo educacional vinculado à formação de líderes cresce ainda em amplitude, ganhando em importância e universalidade.

A quem a incumbência de tarefa de tão elevada envergadura? À *escola,* por certo, agência social de educação sistemática. Faz-se, porém, necessário um reparo: qualquer curso intelectualista de ciências sociais não pode substituir a experiência prática e outros aspectos do desenvolvimento pessoal envolvidos, principalmente os emocionais. A integridade pessoal constitui, indubitàvelmente, o ponto de apoio dos ideais morais de justiça, liberdade, igualdade, pois que significa consistência de ação, coerência entre o que dizemos e o que fazemos, fé num ideal de honestidade e o autocompromisso de servi-lo.

E como se aprende isso? Pelo exemplo da integridade, pelo exercício da integridade. Aprendendo a compreender e a sentir a paixão do estudioso pela retidão de sua conduta intelectual. Pela observação de homens desprendidos, capazes de árduo empenho por soluções que beneficiem grupos e coletividades, mesmo contrariando interêsses próprios. Ora, tôda classe contém subgrupos e a vida escolar proporciona inúmeras oportunidades para o aparecimento de grupos os mais variados. Nada mais razoável e sensato de que aproveitar, de maneira eficiente, essas oportunidades. Desde logo sabemos que tôda vez que um educador consegue que seus alunos trabalhem juntos, formando autênticas equipes, na realidade seu trabalho de educador amplia-se, intensifica-se, ganha em eficiência — seus ensinamentos alcançam maior difusão, maior penetração, pois que são discutidos, experimentados, praticados pelo grupo, sobretudo se o ponto de partida do trabalho de equipe tiver sido uma necessidade real de colhêr informações ou de solicitar assistência específica. A cidadania, fácil é compreender, constitui um padrão de interações sociais e, tal como outros padrões de conduta, pode revelar-se mais ou menos adequado, mais ou menos harmonioso, mais ou menos discordante. Não será demais repetir que as escolas existem para o ensino de habilidades sociais e técnicas de socialização. A técnica da boa cidadania enquadra-se nesse con-

junto e deve ser, pois, ensinada. O melhor caminho conhecido ainda é o do "aprender fazendo". Os estudos teóricos, quando bem orientados, podem fornecer um conteúdo intelectual valioso para essa aprendizagem mas, em si mesmos, não conduzem o educando à prática da boa cidadania, isto é, não o capacitam necessàriamente para a criação e manutenção de boas relações humanas. Ressalta nessa apreciação feita, como denominador comum sempre presente, o recurso das atividades extraclasse, como propiciador de uma ação educativa mais ampla e realista à instituição escola, tão comprometida ainda com um verbalismo estéril e dogmático. Por outro lado, estudos sociométricos revelam que a liderança não pode ser explicada tão-sòmente em têrmos da existência de certas características pessoais definidas. A liderança parece depender muito mais da contribuição efetiva oferecida pessoalmente para a solução específica de situações surgidas dentro do grupo. Em geral o líder é alguém que ajuda os demais membros do grupo na consecução dos objetivos fixados. Nem sempre o astro ou estrêla do grupo, ou mesmo a pessoa mais amplamente aceita pelo grupo é necessàriamente o líder. Não raro encontramos como líder alguém ìntimamente relacionado com o astro do grupo, servindo-se dêste como elemento para conquistar e garantir a liderança do grupo. E, ainda aqui, são as atividades extraclasse que vão fornecer o clima adequado à identificação e ao aproveitamento de qualificações que sugerem uma liderança positiva.

Finalmente, o papel socializador da escola, impondo-lhe a responsabilidade de propiciar experiências que contribuam para o desenvolvimento integral da personalidade do educando, tendo em vista seu bom ajustamento social, ressalta a importância da aprendizagem do trabalho em equipe em busca de objetivos comuns. Os interêsses individuais mesclam-se durante as atividades de grupo e a competição inter-individual cede lugar a atitudes de cooperação e auxílio mútuo. Aprendendo a participar de atividades de equipe, os educandos aprendem a ser líderes e viceversa. Ganham os alunos no terreno da conquista de habilidades sociais, tanto como líderes quanto como liderados, aprendendo a

— cooperar ativamente com os companheiros;

— tratar os demais com justiça e cortesia;

— aceitar responsabilidades, delas se desincumbindo a contento e com boa vontade;

— prestar, de bom grado, auxílio aos companheiros e, bem assim, a receber ajuda;

— perder e a ganhar, compreendendo a necessidade de procurar melhorar e de aceitar críticas sem ficar magoado;

— oferecer sugestões que possam contribuir para aumentar o rendimento e a eficiência do grupo;

— atender prontamente às ordens recebidas;

— procurar conduzir-se com discrição e eficiência em tôdas as atividades exigidas pelo trabalho de equipe, abstendo-se de participar de discussões que visem apenas destruir decisões do líder, ou o próprio código de ação prèviamente estabelecido ou aprovado pelo grupo;

— comunicar suas próprias idéias e sentimentos livremente, condição essencial à manutenção do equilíbrio emocional ou saúde mental;

— só para citar alguns exemplos de aprendizagens nesse terreno tão amplo e fértil.

Aproveitando adequadamente as oportunidades que as atividades extraclasse oferecem, os professôres verificarão, com surprêsa talvez, que muitos dos problemas que os angustiam — indisciplina coletiva, turbulência, atitudes desafiadoras, desinterêsse pela escola, pelas atividades escolares em geral etc. — passam a encontrar soluções oriundas de deliberações do próprio grupo organizado e socialmente bem estruturado. Nessa situação os problemas são encarados em sua totalidade e o grupo passa a buscar compreendê-los, interpretá-los e solucioná-los de forma adequada.

Já diz o velho ditado popular:

"Ninguém vale pelo que sabe e sim pelo que faz com aquilo que sabe."